

PRODUÇÃO DA VIDA E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA: IMPLICAÇÕES DA EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE PARA UMA CRÍTICA DA CONCEPÇÃO MARXISTA DA HISTÓRIA EM “A IDEOLOGIA ALEMÃ”¹ DE KARL MARX.²

por **Eduardo Dutra Aydos**

***“No es la conciencia que determina la vida, sino la vida que determina la conciencia.”* MARX, Karl: “A Ideologia Alemã”.**

É princípio da análise hermenêutica, por mais que se procure contextualizar a análise, que a interpretação sempre será contemporânea. Qualquer releitura de Marx, jamais será capaz de recuperar a condição vivida do agir comunicativo de Marx. Sua obra é reflexo deste agir na atualidade em que se move o hermenêuta, e assim compreendida, como fazer comunicativo de Marx, mantém entretanto com as suas origens uma tensão insofismável.

Ser marxista hoje - e tanto quanto se possa demonstrar sentido nesta postulação - implica reviver em tempo contemporâneo e com a responsabilidade intelectual adequada às condições deste momento, o desafio teórico enfrentado pelo autor na sua época. Há permanente reconstrução teórica do significado no processo do entendimento e do conhecimento; donde se conclui que, ou se clarificam as premissas teóricas e o contexto dessa reconstrução, ou se alienam o fundamento e a possibilidade de uma efetiva compreensão dos respectivos conceitos e axiomas e das suas conseqüências no mundo da vida.

Nessa perspectiva - de uma interpretação reconstrutiva na história das idéias - a clarificação do modelo paradigmático, que orienta e subjaz ao trabalho do hermenêuta, é de crucial importância para a consistência de sua análise. Dois critérios oferecem uma primeira aproximação desse esclarecimento: a **eficácia** e a **eficiência** que possam ser reivindicadas na aplicação do respectivo do modelo teórico.

No que refere à eficácia do paradigma sintético para uma reconstrução teórica do significado da concepção marxista da história, a análise que empreendemos neste texto, formula três hipóteses de trabalho:

- 1. O modelo proposto facilita a compreensão da teoria analisada e das suas implicações prático-poiéticas**, oportunizando uma interpretação logicamente consistente e unívoca para o significado dos conceitos utilizados e as suas relações de sentido.

¹ MARX, Karl: “Feuerbach - Contraposición entre la concepción materialista y la idealista - Introducción”.

² Este texto foi elaborado, preliminarmente, como um roteiro para a investigação epistemológica dos pontos de convergência e contradição entre a teoria marxista e a epistemologia de síntese, para uso dos alunos no PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA DA UFRGS - Disciplina: Tópicos Especiais - Ciência Política e Teoria Democrática - Fundamentos Epistemológicos e Conseqüências Praxiológicas. Semestre 1 - 2000. Professor; Eduardo Dutra Aydos.

2. **O modelo proposto promove a crítica do respectivo significado**, permitindo a identificação de estrangulamentos teóricos e lacunas explicativas, bem como a compreensão e questionamento de contradições e dificuldades emergentes na sua aplicação.
3. **O modelo proposto permite reconstruir, no estado atual da arte, o quadro teórico sob análise**, avançando proposições corretivas e modificativas da concepção marxista da história, com vistas à solução dos problemas teóricos e empíricos que lhe restam imputados.

Em todas essas afirmações, o ônus da prova pertence a quem postula essa interpretação - por isso que a sua demonstração se constitui no objeto próprio deste estudo e das considerações que seguem alinhavadas ao longo deste texto.

No que refere ao critério da eficiência da interpretação, três perguntas balizam a nossa reflexão, explicitando os critérios qualificadores da amplitude e relevância desta investigação teórica:

1. **Existem modelos alternativos capazes de permitir maior profundidade e/ou amplitude de explicação para os fenômenos analisados?**
2. **É possível simplificar mais a explicação (eliminar conceitos ou relações) sem reduzir o conteúdo básico da teoria analisada?**
3. **É necessário agregar mais dimensões de explicação para explicitar-se o conteúdo essencial da teoria analisada?**

Ao empreender, neste texto, uma tentativa de explicitar e justificar a possibilidade de aplicação do paradigma teórico da epistemologia de síntese na interpretação da concepção marxista da História, tomamos por suposto que a resposta a estes três quesitos é negativa. Não visualizamos no horizonte de conhecimento que nos é acessível, modelos alternativos com maior potencial teórico para a análise empreendida; não identificamos possibilidade de maior simplificação dos conceitos paradigmáticos empregados na análise, sem risco de se afetar o respectivo significado; e não visualizamos necessidade de agregar considerações teóricas adicionais para satisfazer-nos o entendimento da concepção marxista da história. E mais que, neste particular, o ônus da prova incumbe à crítica do paradigma proposto.

Se os desenvolvimentos teóricos elaborados neste texto avalizarem os três postulados da sua eficácia interpretativa, o modelo sintético poderá ser considerado epistemologicamente **consistente**. No caso destes mesmos desenvolvimentos inibirem uma resposta afirmativa às três perguntas subseqüentes, o modelo analítico da epistemologia de síntese poderá ser considerado, no sentido próprio desta expressão (KUHN, 1974), **paradigmático**.

1. ESFERAS DE ATUALIZAÇÃO DA VIDA MATERIAL: as determinações estruturais do fazer comunicativo na concepção marxista da História.

A epistemologia de síntese trabalha os conceitos habermasianos de “**natureza interna**”, “**sociedade**” e “**mundo da vida**”, num contexto teórico em que os mesmos correspondem aos três **CAMPOS DE ATUALIZAÇÃO DO SABER**, que compõem o enquadramento estrutural do processo de auto-reflexão comunicativa - do entendimento/conhecimento.

Em sua aplicação à análise da concepção marxista da História, compreendida enquanto processo da produção, a epistemologia de síntese busca identificar as categorias de análise que vão corresponder, assim, às dimensões estruturais do que se poderia designar como três **ESFERAS DE ATUALIZAÇÃO DA VIDA MATERIAL**.

1.1. A ESFERA DA EXISTÊNCIA: correspondência ao conceito habermasiano de “natureza interna”.

O conceito da HISTÓRIA na “Ideologia Alemã”, aparece, inicialmente, formulado por referência à condição existencial da humanidade: “*La primera premisa de toda historia humana es, naturalmente, la existencia de individuos humanos vivientes.*”³

Ao reconhecer essa EXISTÊNCIA individual, enquanto expressa uma capacidade de satisfazer as próprias necessidades vitais, como premissa básica de toda a História, MARX agrega uma especificação desse conceito de EXISTÊNCIA, assinalando como seu fundamento que: “*la primera premisa de toda existencia humana y también, por tanto, de toda historia, es que los hombres se hallen, para “hacer historia”, en condiciones de poder vivir. Ahora bien, para poder vivir hace falta comer, beber, alojarse bajo un techo, vestirse y algunas cosas más.*”

Têm-se por **fundamento**, nessa concepção do fazer comunicativo da História, portanto, a **EXISTÊNCIA enquanto plenitude da condição humana**, ou seja, a Existência como a capacidade real dos indivíduos humanos viventes de satisfazerem suas próprias necessidades vitais.

1.2. A ESFERA DA DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO: correspondência ao conceito habermasiano de “sociedade”.

A identificação do **objeto** do fazer comunicativo da História, por sua vez remete à percepção que essa capacidade de produção da própria vida material, e nisso, também o modo como os homens vão produzir seus meios de vida, “*depende, ante todo, de la natureza misma de los medios de vida com que se encuentran y que se trata de reproducir.*”

³ Neste texto, as sentenças em itálico são citações de MARX, Karl: “A Ideologia Alemã”.

E, numa série de encadeamentos lógicos, esse conceito remete às condições materiais da produção, cujo principal indicador é o grau de desenvolvimento da **DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO**, senão vejamos:

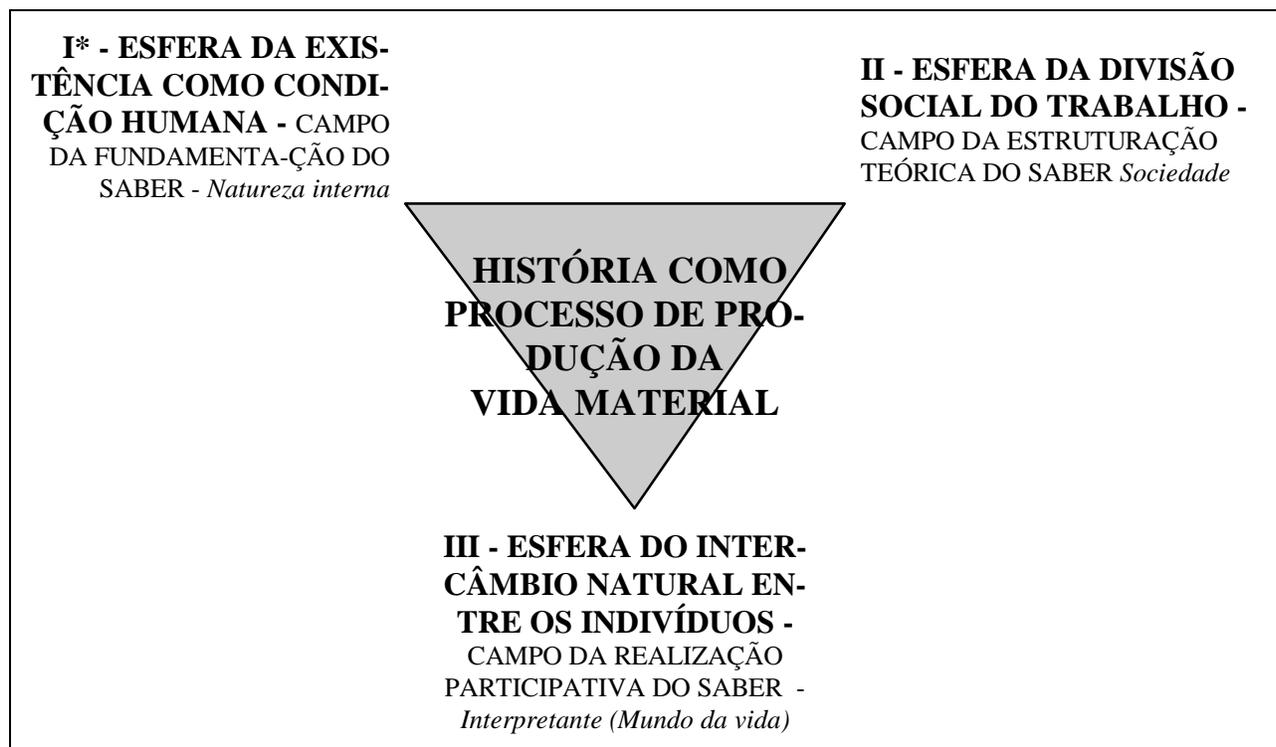
- (a) *“Tal y como los individuos manifiestan su vida, así son.”*
- (b) *“Lo que son coincide , por consiguiente, com su producción (...)”*
- (c) *“Esta producción solo aparece al **multiplicarse la población.**”* (Isso que remete implicitamente ao conceito de **força produtiva**, cujo significado pressupõe um dado modo de intercâmbio entre os indivíduos e uma condição específica de sua posição nas relações de produção - isso que se manifesta, por outro lado, no modo como as nações se estruturam internamente e se relacionam.)
- (d) *“Hasta dónde se han desarrollado las fuerzas productivas de una nación **lo indica del modo más palpável** el grado hasta el cual se há desarrollado en ella **la división del trabajo.**”* (Essa relação é tão crucial que explicita, na raiz da concepção marxista da história, a condição do respectivo Sujeito.) Assim: *“Toda nueva fuerza productiva, cuando no se trata de una simple extensión cuantitativa de fuerzas productivas ya conocidas com anterioridade (...) trae como consecuencia un nuevo desarrollo de la división del trabajo.”*

1.3. A ESFERA DO INTERCÂMBIO: correspondência ao conceito habemasiano de “mundo da vida”.

Ao lado da esfera existencial dos indivíduos, em condição de satisfazer as suas necessidades, e da natureza das condições de produção com que se defrontam na divisão do trabalho social, a produção da vida material tem como suposto um terceiro conceito, que permeia toda a concepção marxista da HISTÓRIA - o fato que os homens que fazem a história vivem num mundo real e cuja característica mais essencial é a interação social - ou, como assinalado na “Ideologia Alemã”, o **INTERCÂMBIO** como forma natural ou primordial da existência dos indivíduos viventes. .

De alguma forma, esse conceito de INTERCÂMBIO é sinalizado como fator de mediação - determinante e determinado - no processo da produção da vida material. *Esta producción sólo aparece al **multiplicarse la población.** Y presupone, a su vez, un **intercambio** entre los individuos. La forma de este intercambio se halla condicionada, a su vez, por la producción.* A articulação dessa tríade conceitual pode ser visualizada, no enquadramento lógico da epistemologia de síntese, no esquema do **Quadro 1**, a seguir:

QUADRO 1 - Interpretação sintética da concepção materialista da HISTÓRIA na “IDEOLOGIA ALEMÃ” - categorias do FAZER COMUNICATIVO DA HISTÓRIA.



* Os números romanos I, II e III designam as categorias lógicas da primeiridade, secundidade e terceiridade do fazer comunicativo cfr. seu enquadramento no modelo paradigmático da epistemologia de síntese.

2. OS INTERESSES CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA: condicionantes funcionais do agir comunicativo na concepção marxista da História:.

A dimensão súnica da atividade social dos homens é composta por três conceitos, cujo significado se desborda e enraíza nas ESFERAS DE ATUALIZAÇÃO DA VIDA MATERIAL, quais sejam, os INTERESSES CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA - que é histórica.

O *a priori* da **procriação/reprodução**, que emerge na “Ideologia Alemã” como a relação social primordial; a **produção dos meios de vida** que, de alguma forma, supõe essa condição relacional e reprodutiva; e, por fim, a **criação de novas necessidades** que se agregam como ideologia e que, até mesmo se superimpõem às necessidades vitais ou naturais que se trata de satisfazer primordialmente, constituem destarte as três determinações funcionais da produção da vida material.

A identificação destas três dimensões na concepção marxista da História, procede através dos seguintes parágrafos, cuja citação neste texto segue a ordem de sua edição no escrito de Marx:

a) Sobre o **interesse da produção dos meios de vida**: *“Tratándose de los alemanes, situados al margen toda premisa, debemos comenzar señalando que la primera premisa de toda existencia humana y también, por tanto, de toda historia, es que los hombres se hallen, para “hacer historia”, en condiciones de poder vivir. Ahora bien, para vivir hace falta comer, beber, alojarse bajo un techo, vestirse y algunas cosas más. El **primer hecho histórico es, por conseguinte, la producción de los medios indispensables para la satisfacción de estas necesidades**, es decir, la producción de la vida material misma, y no cabe duda de que es éste un hecho histórico, una condición fundamental de toda historia, que lo mismo hoy que hace miles de años, necesita cumplirse todos los días y todas horas, simplemente para asegurar la vida de los hombres.”*

b) Sobre o **interesse da criação de novas necessidades**: *“Lo segundo es que la satisfacción de esta primera necesidad, la acción de satisfacerla y la adquisición del instrumento necesario para ello conduce a nuevas necesidades, y **esta creación de necesidades históricas constituye el primer hecho histórico**.”*

c) Sobre o **interesse da procriação/reprodução**: *“El tercer factor que aquí interviene de antemano en el desarrollo es el de que **los hombres que renuevan diariamente su propia vida comienzan al mismo tiempo a crear a otros hombres, a procrear; es la relación entre hombre y mujer, entre padres e hijos, la familia**. Esta familia, que al principio constituye la única relación social, más tarde, cuando las necesidades, al multiplicarse, crean nuevas relaciones sociales y, a su vez, al aumentar el censo humano brotan nuevas necesidades, pasa a ser (salvo en Alemania) una relación secundaria y tiene, por tanto, que tratarse y desarrollarse con arreglo a los datos empíricos existentes, y no ajustándose al “concepto de la familia” misma, como se suele hacer en Alemania.”*

Na representação topológica destes conceitos, que promovemos a seguir, utilizando como instrumento de análise o modelo paradigmático da epistemologia de síntese, ao ordem cronológica ou histórico-genética destes três fatores é dada por irrelevante - por isso que há de se relevar a confusão estabelecida pelo texto de Marx, considerando como “primeiro fato histórico”, ora o interesse da produção dos meios de vida, ora o interesse da criação de novas necessidades. Particularmente, entendemos que se o critério histórico-genético se tornasse objeto de consideração, o interesse da procriação/reprodução é que seria primordial, eis que a estrutura consociativa da família preexiste, como um *a priori* social, às demais formas históricas de atualização da condição produtiva do ser humano e da constituição das suas necessidades culturais.

Corroborar essa interpretação, o próprio texto de Marx, que nos adverte para a **natureza lógico-funcional** dessas três dimensões constitutivas da consciência, desautorizando sua interpretação como etapas de um qualquer processo linear de desenvolvimento: *“Por lo demás, estos **tres aspectos de actividad social** no deben considerarse como tres fases*

distintas, sino sencillamente como eso, como tres aspectos o, para decirlo a la manera alemana, como tres “momentos” que han existido desde el principio de la historia y desde el primer hombre y que todavía hoy siguen rigiendo en la historia.” O Quadro 2, a seguir, incorpora esses conceitos à reconstrução da concepção marxista da História no quadro paradigmático da epistemologia de síntese.

QUADRO 2 - Concepção da HISTÓRIA na “Ideologia Alemã”, incorporando as categorias do AGIR COMUNICATIVO como INTERESSES CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA.



* Os algarismos arábicos 1, 2 e 3, designam as categorias lógicas da primeiridade, secundidade e terceiridade do agir comunicativo cfr. seu enquadramento no modelo paradigmático da epistemologia de síntese.

Assim compreendidas, as ESFERAS DE ATUALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO MATERIAL DA VIDA e os INTERESSES CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA, conformam o enquadramento estrutural-funcional do processo histórico - enquanto **PRODUÇÃO DA VIDA MATERIAL e da CONSCIÊNCIA**. O núcleo sógnico desse processo produtivo pode, então, ser apropriado ao entendimento, através da utilização de outros conceitos, de alguma forma derivados e articulados nesse enquadramento estrutural-funcional, que povoam o discurso marxista em “A Ideologia Alemã”.

3. **As quatro FORMAS DA PROPRIEDADE, como quatro ESTÁDIOS no processo de apropriação produtiva da CONDIÇÃO HUMANA na História.**

A passagem do nível lógico-funcional, onde são explicitadas as categorias analíticas que a teoria marxista vai aplicar na interpretação dos fatos históricos, para a análise dos seus desdobramentos genético-estruturais, é centrada no conceito de **propriedade**. Aqui, o **processo da produção da vida material e da consciência**, genericamente designado pelo (e nisso, impropriamente reduzido ao) conceito da **divisão social do trabalho**, é denotado pelas formas que assumem historicamente “*las relaciones de los individuos entre sí, en lo tocante al material, el instrumento y el producto del trabajo*”, que Marx refere como as quatro formas distintas da propriedade.

Nossa interpretação ressalta, assim, **a figuração de quatro estádios da construção cognitivo-produtiva da História**, enquanto designados pelo conceito marxista das quatro formas da PROPRIEDADE: TRIBAL, COMUNAL-ESTATAL, FEUDAL e CAMBIAL. Essa compreensão opera, não obstante, **no nível do enquadramento genético-estrutural** do próprio conceito de onde se derivam as formas da propriedade, qual seja, **da esfera da divisão social do trabalho** - e assim, também, das demais esferas que lhe são teoricamente articuladas, da produção dos meios de vida e da criação das necessidades sociais. Isso que se torna, particularmente claro, na afirmação de Marx, segundo a qual: “*La historia no es sino la sucesión de las diferentes generaciones, cada una de las cuales explota los materiales, capitales y fuerzas productivas transmitidas por quantas la han precedido; es decir, que, por una parte, prosigue en condiciones completamente distintas la actividad precedente, mientras que, por otra parte, modifica las circunstancias anteriores mediante una actividad totalmente diversa...* “ Exatamente aqui, encontra seu fundamento a negação marxista da história, como mera coleção de fatos desenraizados e irrelevantes à própria atualidade da sua compreensão, eis que: “*Tan pronto como se expone este proceso activo de vida, la historia deja de ser una colección de hechos muertos, como lo es para los empiristas, o una acción imaginária de sujetos imaginarios, como para los idealistas.*”

Não foi, entretanto, suficientemente clarificado e nem aprofundado nas suas consequências teóricas, esse enquadramento da compreensão marxista da História. Circunstância, aliás, que levou o próprio autor e sua escola a naufragarem na mesma especulação, contra a qual pretendeu nos alertar, ao identificarem na prática política do proletariado industrial, ou de quaisquer outros segmentos, tidos como “excluídos” no processo do desenvolvimento histórico, a recuperação imaginária dessa condição, também imaginária, de um sujeito universal da História. E assim portanto, embora a concepção marxista da História acabe incorrendo neste equívoco, **não é lícito entender as relações designadas pelas quatro formas da propriedade, como meras etapas ou fases que possam ser, simplesmente, superadas e nulificadas pelo movimento dialético de uma história mortuária**, vale dizer, destruidora dos seus próprios passos atrás.

A **epistemologia genética da divisão social do trabalho**, como a desvela essa operação contemporânea de resgate ao potencial explicativo, latente e inexplorado na complexidade contraditória do pensamento de Marx, visualiza as quatro formas da propriedade que desvelou em sua análise, enquanto **quatro estágios da construção cognitivo-produtiva da História**. Essa concepção, por outro lado, pode agora ser confrontada a uma outra perspectiva na análise estrutural do processo da realidade, originariamente formulada por Sigmund FREUD e que designa a construção da personalidade, enquanto processo de formação de consciência moral. O paralelismo desses dois processos, da HISTÓRIA e da CONSCIÊNCIA, e a sua irredutibilidade na complementaridade da intuição auto-reprimida de Marx e do melhor pensamento de Freud, é o grande vetor da sua contribuição à compreensão da condição teórica-prática-poiética inerente ao desenvolvimento natural do ser humano.

Dessa analogia com a teoria da personalidade, que também referencia a construção das estruturas cognitivas em Piaget, compreende-se que as quatro formas da PROPRIEDADE em “A Ideologia Alemã”, sejam aspectos de uma totalidade de sentido. Essa mesma totalidade, que corresponde a um processo constitutivo, onde cada etapa ou momento agrega significado e, assim persiste na composição dos seus estádios subsequentes. Conforma-se, assim, no tecido conjuntivo de estruturas sobreviventes e coexistentes - as quais respondem, por sua vez, às condições necessárias da organização e desenvolvimento do todo - devendo como tal se articular e harmonizar na perspectiva do seu desenvolvimento.

Dessa convergência teórica - e ao contrário do que propõe a concepção marxista da História - se deduz que a Humanidade não é apenas uma coleção de indivíduos viventes que manifestam e expressam, de forma reflexa e seqüencial, estruturas indecíveis - como mônadas de sentido - que se sucedem na exploração das condições naturais da vida. Decididamente, a História é mais que uma sucessão de cartões postais, que apenas fotografam momentos e construções natimortos de um eterno devir.

O processo histórico é mais denso. Nele há apropriação de sentido, de tal sorte que a evolução não prescinde de um sistemático regresso sobre as etapas vencidas - há progresso, quando o mais complexo absorve e, de alguma forma, revive e reconstrói o momento que lhe foi anterior, seus desafios e soluções encontradas pela HUMANIDADE, no seu esforço de produção da própria vida material.

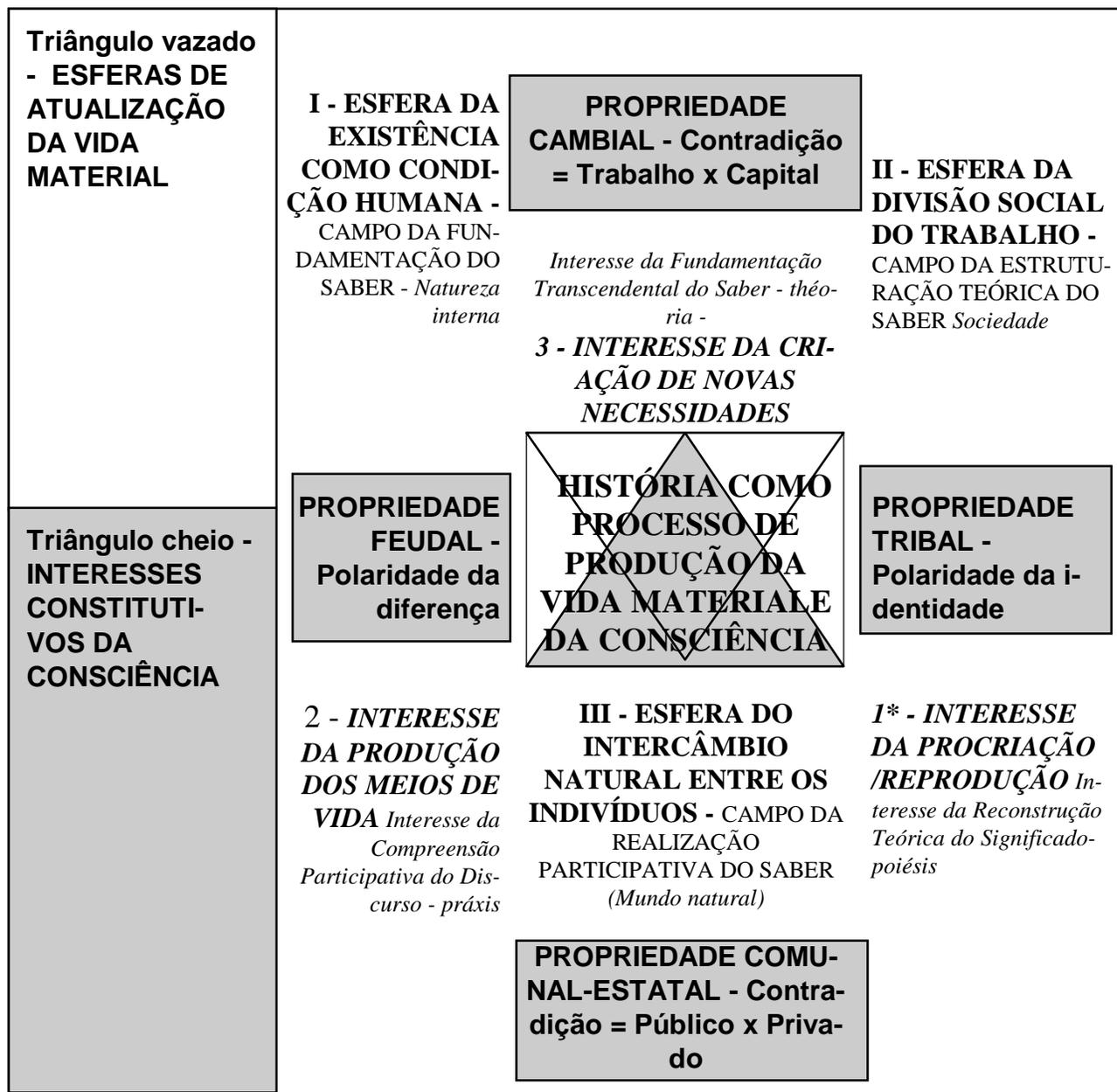
A construção do futuro, e assim o que se possa designar por utopia, no sentido mannheimiano deste termo, não prescinde das identidades construídas e das rupturas procedidas no passado. Negá-lo constitui-se numa ilusão e redundante em violência à própria natureza da História. Pelo que não se pode sequer avançar o desenvolvimento - e, afinal, não se chega ao termo da História - como o pretendeu a saga escatológica do pensamento marxista - simplesmente abolindo a PROPRIEDADE. Tal pretensão, significaria pouco mais que um retorno à forma primitiva da PROPRIEDADE COLETIVA-TRIBAL, ou afinal a mera recusa, pela erosão das suas fundações, da possibilidade de se compreender e assim reconstruir a própria História.

De qualquer forma e, para o sossego dos espíritos mais afeitos à preservação da ortodoxia, há que se esclarecer, também, que a obra de MARX é extremamente rica e complexa nas suas intuições, de tal sorte que nos permite vislumbrar e reconstruir, além da camisa de força dos próprios discursos que articula, o descortino de uma visão mais profunda da História: *“Solamente ahora, después de haber considerado ya quatro momentos, cuatro aspectos de las relaciones históricas originarias, caemos en la cuenta de que el hombre tiene también “conciencia”. Pero tampoco ésta es de antemano una conciencia “pura”...”*

Demonstra-se, novamente, nessa apercepção de Marx sobre o caráter das quatro formas históricas da PROPRIEDADE, a noção subjacente que esses *“momentos”* não figuram simplesmente uma sucessão linear de estruturas ou modos de produção, intangíveis uns aos outros na escala do tempo, mas que os mesmos desvelam **“aspectos das relações históricas originárias”**. E, se assim podem ser compreendidos, desvelam princípios organizativos (ou sócio-cognitivos) que, embora irreduzíveis, podem ser visualizados em relações de complementaridade, cumulativas ou simultâneas no quadro de uma dada formação econômico-social.

Compreende-se, assim, que as diferentes formas da PROPRIEDADE na História correspondem às etapas, estádios ou, simplesmente, desafios que imbricam geneticamente a **construção das estruturas de produção da vida material e a formação das estruturas da própria consciência**. Uma análise da correspondência conceitual, entre as teorias do desenvolvimento da personalidade e da cognição (em Freud, Piaget ou Chomsky) e a concepção da História que emerge nesta “reconstrução” contemporânea da teoria marxista, permitirá, no contexto de uma investigação mais ampla que os limites deste texto, aprofundar o sentido do seu paralelismo e complementaridade. Não obstante, uma abordagem preliminar dessa articulação teórica já permite descortinar o horizonte próximo dessa intuição marxista, que antecipa o **estadiamento** da formação das estruturas de produção da vida material, no âmbito de uma epistemologia genética aplicada ao estudo da sociedade. Sinalizam-se, assim, os desafios enfrentados no processo civilizatório e que são designados nos *aspectos das relações históricas originárias*, figurado topologicamente no **Quadro 3**, a seguir:

QUADRO 3 - Figuração topológica dos quatro estádios da apropriação produtiva da CONDIÇÃO HUMANA no modelo paradigmático da epistemologia de síntese.



4. Síntese descritivo-analítica das quatro formas da PROPRIEDADE e suas implicações na conformação da CONDIÇÃO HUMANA na História.

1º ESTÁDIO - DA PROPRIEDADE TRIBAL - O desafio aqui enfrentado é o da assimilação da própria condição humana, como construção de uma identidade social. A propriedade co-

letiva - tribal - é mediação dessa primeira démarche da consciência na produção da vida material. A experiência da propriedade coletiva constitui-se, destarte, num aspecto irreduzível no desenvolvimento do potencial produtivo da vida social. Sua eventual supressão, como forma privilegiada do enraizamento histórico das comunidades, e sua eventual repressão nos processos de atualização do seu potencial produtivo, em estádios ulteriores do desenvolvimento humano, afeta o cotidiano da vida em sociedade, será traumática e repercutirá regressivamente sobre a sua capacidade de realização. Denota-se aqui o déficit de AUTONOMIA, manifesto pela patologia da intolerância e da apatia, cuja forma mais extremada é a DITADURA.⁴

2º ESTÁDIO - DA PROPRIEDADE COMUNAL-ESTATAL - O desafio aqui enfrentado é o da acomodação entre o “eu” e o “mundo” (onde se encontra incluído também, e de forma indiferenciada, o “outro”). Essa condição, primitivamente ambígua, se reflete no estatuto da propriedade, pela confrontação de suas manifestações comunal e estatal. Neste estágio, é elaborada a distinção entre as esferas da vida privada (propriedade comunal) e pública (propriedade estatal), que vai assegurar as bases do Estado de direito. Sua eventual irresolução resulta em déficit de PRODUTIVIDADE social, que se manifesta nas patologias da exclusão e da repressão, cuja forma mais gritante é a MISÉRIA social.⁵

3º ESTÁDIO - DA PROPRIEDADE FEUDAL - O desafio aqui enfrentado é o da diferenciação entre o “eu” (que de alguma forma se reconhece ao se apropriar do “mundo” - ou seja, dos meios de produção da vida) e o “tu” - entre o “nós” e os “outros”. A supressão dessa alteridade e da sua resolução, resulta em déficit de RESPONSABILIDADE - essa condição do “eu” que dignifica e legitima a diferenciação apropriativa na produção da vida material - manifestando-se, por sua vez, nas patologias da frustração e da corrupção, cuja patologia se expressa no estigma da IMPUNIDADE social.⁶

4º ESTÁDIO - DA PROPRIEDADE CAMBIAL - O desafio aqui enfrentado é o da superação de uma relação diádica, que opõe o “eu” ao “mundo” e/ou ao “outro”, numa relação triádica, onde o “mundo” é reconhecido como mediação concreta da relação entre o “eu” e os “outros”. Confere-se, nesta perspectiva, reconhecimento e legitimidade à condição dos “outros”, e apropriam-se as condições formais de um intercâmbio produtivo com o que “eles”, de qualquer forma, representam. A inconclusão dessa etapa resulta em déficit de IDENTIDADE na conformação consciência histórica de um povo, manifestando-se nas patologias do individualismo e da insegurança, cuja projeção atitudinal é o CINISMO político - o maquiavelis-

⁴ No desenvolvimento da personalidade, o traumatismo dessa etapa é figurado pela patologia da ATENÇÃO, manifestos pelo egocentrismo e apatia que se polarizam no ensimesmamento do “eu” - como AUTISMO. Para uma análise da teoria da personalidade convergente com esse desenvolvimento da teoria da História, veja-se: AYDOS, Eduardo Dutra: “A Planície de Alétheia” - Tese de Doutorado em Ciência Política, UFRGS, dezembro de 1998, Capítulo 8 - Síndrome de MaKBeTh - A Formação da Consciência Moral e o Paradigma da Patologia do Poder.

⁵ No desenvolvimento da personalidade, o traumatismo dessa etapa é figurado pela patologia do PENSAMENTO, manifestos pelo síndrome do narcisismo e da dependência, que se refletem na ambivalência da PARANÓIA.

⁶ No desenvolvimento desta etapa, o traumatismo da personalidade é figurado pela patologia do JUÍZO, manifesta no síndrome do perfeccionismo e da auto-anulação, que se polarizam em alienação do “eu” como DEPRESSÃO.

mo histórico que se reflete no comportamento das elites e das bases de uma sociedade midiática e camaleônica.⁷

5. NÚCLEO SÍGNICO DO PROCESSO PRODUTIVO: a dialética da atividade social como LINGUAGEM e do seu modo de ser como CONSCIÊNCIA.

Configuradas as três **ESFERAS DE ATUALIZAÇÃO DA VIDA MATERIAL**, os três **INTERESSES CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA** e os quatro aspectos da **DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO**, que integram o quadro constitutivo das **relações históricas originárias**, cumpre agora concluir este esboço categorial, com a identificação das dimensões derivadas que integram o núcleo sógnico da dialética triádica na interpretação da concepção marxista da História.

É axiomático nessa perspectiva, que a História emerge à análise de “A Ideologia Alemã”, enquanto PROCESSO DE PRODUÇÃO DA VIDA E DA CONSCIÊNCIA... até porque “(...) *el hombre mismo se diferencia de los animales a partir del momento en que comienza a producir sus medios de vida, paso éste que se halla condicionado por su organización corporal. Al producir sus medios de vida, el hombre produce indirectamente su propia vida material.*”

5.1. A tríade do fazer comunicativo na composição do núcleo sógnico da PRODUÇÃO DA VIDA E DA CONSCIÊNCIA.

Os conceitos que balizam a primeira tríade do núcleo sógnico da História, podem ser identificados na análise que Marx empreende do conceito de “*consciencia nacional*” tão caro aos filósofos alemães que critica, ao axiomatizar que: “*estos tres momentos, la fuerza productora, el estado social y la conciencia* (aqui referindo-se àquela que identifica ao conceito de ideologia) *pueden y deben necesariamente entrar en contradicción entre sí, ya que con la **división del trabajo**, se da la posibilidad, más aun, la realidad de que las actividades espirituales y materiales, el disfrute y el trabajo, la producción y el consumo, se asignen a diferentes individuos, y la posibilidad de que no caigan en contradicción reside solamente en que se vuelva a abandonarse la división del trabajo (sublinhei).*

Sobre este ponto cabe, desde logo, surpreender-se o conteúdo utópico - porém idealista - na posição de MARX relativamente ao processo histórico da divisão do trabalho social. Exatamente aqui, o pensamento marxista enfrenta uma de suas maiores limitações - na sua postulação do fim da divisão do trabalho social - que o tornam presa da própria abstração que combate. Perde-se aqui a perspectiva aberta pela análise do processo histórico, como construção e apropriação das condições materiais da produção dos meios de vida.

⁷ No desenvolvimento desta etapa, o traumatismo da personalidade é figurado pela patologia do RACIOCÍNIO, manifesta na incapacidade de lidar com o princípio da realidade que se expressam na ambigüidade irresolvida da ESQUIZOFRENIA.

Enquanto a divisão do trabalho social contribui nessa direção, viabilizando o intercâmbio cooperativo dos seres humanos viventes para a satisfação de suas necessidades, por isso mesmo não pode ser simplesmente suprimida.

A contradição, emergente aos conflitos gerados pela divisão social do trabalho, não há, portanto, que ser suprimida ou mesmo superada; há que ser cotidiana e permanentemente resolvida. Como efetivo esforço de compreensão, transcendência e reconstrução da posição que ocupam no processo auto-reflexivo da História, a participação de todos na produção da vida material e da consciência, há que ser compatibilizada com o desenvolvimento máximo do potencial produtivo de cada uma das partes que integram essa mesma totalidade social. E terá sempre por fundamento o caráter irreversível da complexidade social e a irredutibilidade dos interesses particulares, que nela se engendram e dela se projetam.

A expressão do universal humano, nessa perspectiva, implica a realização máxima da sua particularidade. E, assim, portanto, a realização plena das necessidades humanas, será também a obra de uma sociedade, onde a divisão social do trabalho seja capaz de assegurar, a cada um, a realização máxima do seu potencial de produção; e cobre de cada um a contribuição correspondente ao seu melhor esforço na satisfação das necessidades sociais.

A lógica contida na expressão cunhada por MARX, como a consigna do movimento socialista - *“A cada um segundo as suas necessidades e de cada um segundo as suas possibilidades”* - desnuda-se, sob este ponto de vista, numa afirmação paradoxal: da necessidade, como a expressão finalística do potencial produtivo da humanidade; e, da possibilidade, como o comprometimento máximo da sua capacidade de realização. Caso contrário - e, bem como a interpretação vulgar tende a praticá-la e, assim também a estigmatizá-la - essa palavra-de-ordem socialista, se deturparia num axioma que só remete à perpetuação da desigualdade. De fato, a desconexão entre os critérios da distribuição e da contribuição, que a ambigüidade na expressão cunhada por Marx contempla, cristaliza-se em princípio institucionalizante do parasitismo social e da usurpação tributária. Isso que, lastimavelmente, no curso da modernidade, tem estimulado a dependência de uns, face ao paternalismo de Estado, e aguçado a voracidade de outros (sob as mesmas razões de Estado) ao confisco da produção, onde quer que ela seja capaz de se estabelecer.

Na seqüência dessas considerações, explicita-se a correspondência conceitual entre as categorias marxistas da força produtiva, do estado social e da consciência - e respectivas derivações conceituais, com as categorias sígnicas do fazer comunicativo na epistemologia de síntese.

FUNDAMENTO DO REPRESENTÁMEN: O conceito de **força produtiva**... emerge, no pensamento marxista, como a expressão “aparelhada” da existência individual numa dada forma de intercâmbio social (p.e. como classe social). Representa, assim, o **fundamento** de um dado modo de produção da vida material. *“De onde se desprende que un determinado modo de producción o una determinada fase industrial lleva siempre aparejado un determinado modo de cooperación o una determinada fase social, modo de cooperación que es, a su vez, una ‘fuerza productiva’; que la suma de las fuerzas productivas accesibles al hombre condiciona el estado social y que, por tanto, la ‘historia de la humanidad’ debe estudiarse y elaborarse siempre en conexión con la historia de la industria y del intercambio.*

OBJETO: Nessa concepção, o **estado social** das forças produtivas - ou seja a sua denotação como **objeto** na tríade sógnica - é designado pelo conceito do **modo de produção**...*“El modo como los hombres producen sus medios de vida depende, ante todo, de la naturaleza misma de los medios de vida com que se encuentran y que se trata de reproducir. Este modo de producción no debe considerarse solamente en cuanto es la reproducción de la existencia física de los individuos. Es ya, más bien, um determinado modo de actividad de estos individuos, um determinado modo de manifestar su vida, un determinado modo de vida de los mismos. Tal y como los individuos manifiestan su vida, así son. Lo que son coincide, por consiguiente, com su producción, tanto com lo que producen como com el modo como producen. Lo que los individuos son depende , por tanto, de las condiciones materiales de la producción.”*

INTERPRETANTE: Marx trabalha o conceito da **linguagem**, como expressão da consciência prática da Humanidade... a consciência como ela existe para os outros homens - ou a **consciência** real, **interpretante** das interações comunicativas que os homens mantêm no mundo da vida. *“El espíritu nace ya tarado com la maldición de estar “preñado” de materia, que aqui se manifiesta bajo la forma de capas de aire en movimiento, de sonidos, en una palabra, bajo la forma del lenguaje. El lenguaje es tan viejo como la conciencia: el lenguaje es la conciencia práctica, la conciencia real, que existe también para los otros hombres y que, por tanto, comienza a existir también para mí mismo; y el lenguaje nace, como la conciencia, de la necesidad, de los apremios del intercambio com los demás hombres.”* A linguagem emerge aqui como uma **dimensão da consciência**, portanto, que manifesta, como particularidade imediata, as condições em que se exerce o seu fazer comunicativo na História. Assim: *“La producción de las ideas y representaciones , de la conciencia, aparece al principio directamente entrelazada com la actividad material y el comercio material de los hombres, como **el lenguaje de la vida real**. Las representaciones, los pensamientos, el comercio espiritual de los hombres se presentan todavía, aqui, **como emanación directa de su comportamiento material**. Y lo mismo ocurre com la producción espiritual, tal y como se manifiesta en el lenguaje de la política, de las leyes, de la moral, de la religión, de la metafísica, etc., de un pueblo. Los hombres son los productores de sus representaciones, de sus ideas, etc., pero los hombres reales y actuantes, tal y como se hallan condicionados por un determinado desarrollo de sus fuerzas productivas y por el intercambio que a él corresponde, hasta llegar a sus formaciones más amplias.”*

5.2. A tríade do agir comunicativo na composição do núcleo sógnico da PRODUÇÃO DA VIDA E DA CONSCIÊNCIA.

O agir comunicativo da História, na concepção marxista, é construído sobre a atividade social - concreta e determinada - dos homens. Os **indivíduos vivos e as classes sociais** - na forma de suas relações sociais originárias enquanto **família e sociedade civil** - são os protagonistas dessa interação. Por outro lado, a sua expressão imediata e determinada - que expressa o conteúdo da respectiva dominação - designa o conceito marxista da **ideologia**.

Na seqüência dessas considerações, explicita-se a correspondência conceitual entre as categorias marxistas da sociedade civil, das classes sociais e da ideologia - e respectivas derivações conceituais, com as categorias sógnicas do agir comunicativo na epistemologia de síntese.

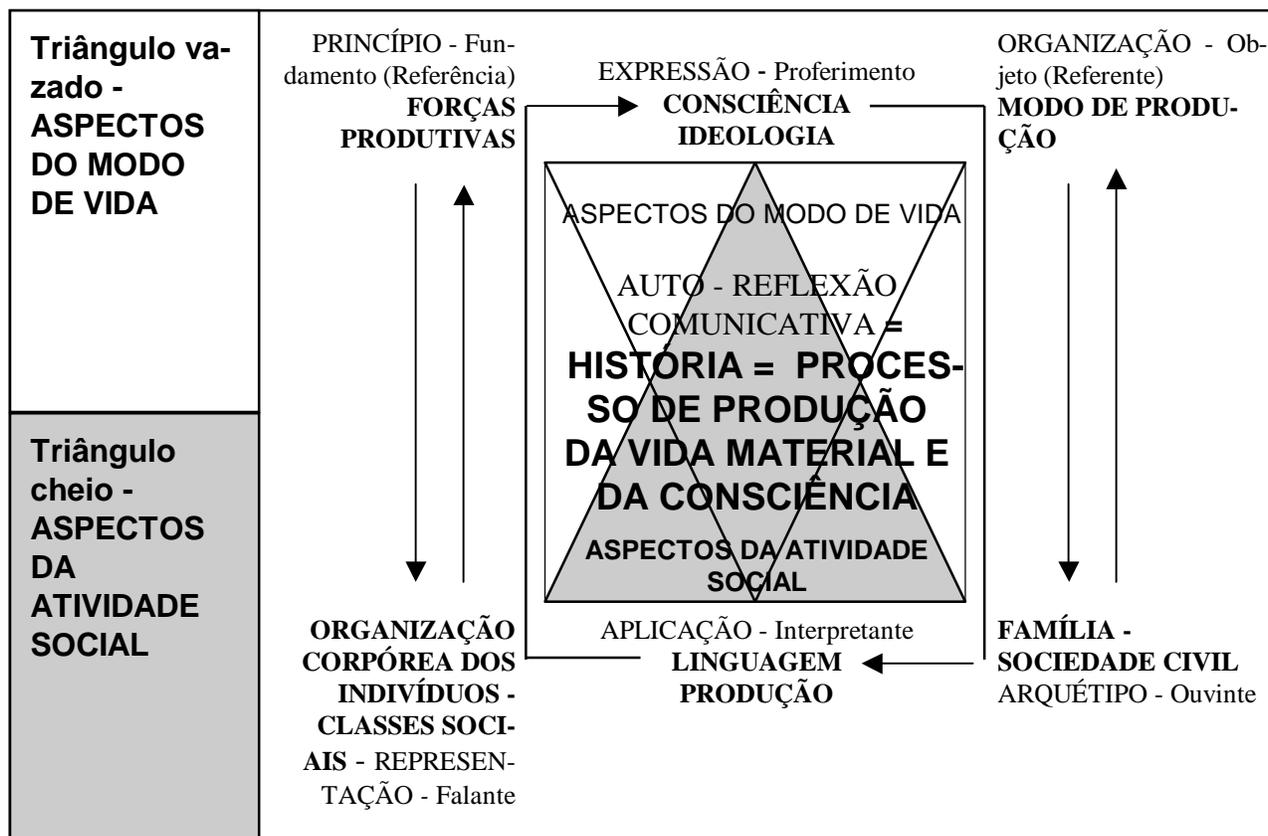
OUVINTE: Na concepção marxista da História, a **família**, primordialmente, e mais adiante no processo do desenvolvimento humano a **sociedade civil** se constituem num **a priori** de toda ação social - estrutura sempre-já-dada preexistente em toda e qualquer fase do desenvolvimento humano e que, por sua vez, condiciona as interações sociais contemporâneas. Fica clara, nesse sentido sua correspondência à categoria do **ouvinte** (ou receptor) no processo de comunicação - de alguma forma preexistente ao **falante** (ou emissor). Assim: *“La forma de intercambio condicionada por las fuerzas de producción existentes en todas las fases históricas anteriores y que, a su vez, las condiciona es la **sociedad civil**, que, como se desprende de lo anteriormente expuesto, tiene como premisa y como fundamento la familia simple y la familia compuesta, lo que suele llamarse tribu... Ya ello revela que esta sociedad civil es el verdadero hogar y escenario de toda la historia ... La sociedad civil abarca todo el intercambio material de los individuos, en una determinada fase de desarrollo de las fuerzas productivas. Abarca toda la vida comercial e industrial d un fase y, en este sentido, trasciende los límites del Estado y de la nación, si bien, por otra parte, tiene necesariamente que hacerse valer al exterior como nacionalidad y, vista hacia el interior, como Estado.*

FALANTE: A categoria do **falante** (ou emissor) no processo comunicativo da História, por sua vez, remete à condição natural primordial, através da qual os indivíduos viventes inter-vêm no mundo da vida - remete imediatamente à sua **organização corpórea como indivíduos viventes** e, no plano da interatividade social, à sua estruturação em **classes sociais**. Assim: *“El primer estado de hecho comprobable es, por tanto, la organización corpórea de estos individuos y, como consecuencia de ello, su comportamiento hacia el resto de la naturaleza. (...) Toda historiografía tiene necesariamente que partir de estos fundamentos naturales y de la modificación que experimentam en el curso de la historia por la acción de los hombres.”*

PROFERIMENTO: A **ideologia** enquanto tal (como o denota uma observação marginal de Marx ao conceito da consciência nacional), constitui-se numa expressão geral e abstrata dessa atividade material dos homens. Corresponde àquela dimensão da consciência, que resulta deslocada desde o mundo da vida como intercâmbio natural entre os homens para a sua dimensão reflexa - como expressão abstrata dos interesses concretos que se entrecam e afirmam - no processo de produção da vida material. Assim: *“La conciencia no puede ser nunca otra cosa que el ser consciente, y el ser consciente de los hombres es su proceso de vida real. Y si **en toda ideologia los hombres y sus relaciones aparecen invertidos, como en una cámara oscura, este fenómeno responde a su proceso histórico de vida, como la inversión de los objetos al proyectarse sobre la retina responde a su proceso de vida directamente físico.**”*

O **Quadro 4**, a seguir, figura as categorias marxistas que integram o núcleo s3gnico da Hist3ria como processo de produ33o da vida e da consci4ncia.

Quadro 4: A DIAL3TICA DA ATIVIDADE SOCIAL E DO MODO DE VIDA: o N3CLEO S3GNICO do processo de produ33o da vida material e da consci4ncia na concep33o marxista da HIST3RIA.



6. Clarifica33o EPISTEMOL3GICA e cr3tica HERMEN3UTICA das implica33es praxiol3gicas da concep33o marxista da Hist3ria

A utiliza33o plena do esquema te3rico da epistemologia de s3ntese, na reconstru33o da concep33o marxista da Hist3ria em “A Ideologia Alem3”, requer ainda a identifica33o das categorias (e perspectivas de a33o) correspondentes 3s respectivas praxiologias.

Resgata-se, neste ponto da an3lise, o conte3do eminentemente ut3pico da concep33o marxista da hist3ria - como nega33o radical do modo de produ33o capitalista, visualizado como fonte de males e de destrui33o - para identificar-se as tr3s principais dimens3es, que fazem as vezes de suas propostas pedag3gica, terap4utica e tecnol3gica.

Remontando ao texto da “Ideologia Alem3”, destaca-se que: “*en el desarrollo de las fuerzas productivas y medios de intercambio que, bajo las relaciones existentes, s3lo pueden*

ser fuente de males, que no son ya tales fuerzas de producción, sino más bien fuerzas de destrucción (maquinaria y dinero); y, lo que se halla íntimamente relacionado con ello, surge una clase condenada a soportar todos los inconvenientes de la sociedad sin gozar de sus ventajas, que se ve expulsada de la sociedad y obligada a colocarse en la más resuelta contraposición a todas las demás clases; una clase que forma la mayoría de todos los miembros de la sociedad y de la que nace la conciencia que es necesaria una revolución radical, la conciencia comunista...

Assim visualizado, esse momento particular da formação de uma consciência histórica, emerge no processo da produção da vida, como expressão da singular experiência dos proletários de todo o mundo. Em obra de cativante apelo social, Marx denuncia as mazelas de uma sociedade, que promoveu a marginalização de um extenso segmento social, ao quais oferece a capacidade de se reconhecer, no conteúdo dessa mesma denúncia, como o grande contingente dos excluídos de todos os benefícios do processo civilizatório - disso que emerge a formação histórica, do que passa a designar como a **consciência comunista**.

Aqui chegado, o pensamento marxista cumpriu todos os passos necessários para a formulação do seu particular enfoque de uma solução para a fundamentação do universal humano. Vai encontrá-la, nas derivações de uma lógica dialética que, grosseiramente falando, pretende haver suprimido, desde o seu discurso sobre a realidade, o princípio da não-contradição. E que assim, também, justifica, pela supressão da própria racionalidade ao fundamento constitutivo do Ser, a condição da sua manifestação e desenvolvimento na História, como afirmação daquilo que a crítica nietzschiana designou como a sua **vontade de potência...** - capaz de resolver a quantidade... em qualidade, e assim, da mesma forma, decidir que um particular... é também o universal. Como, nesse discurso e nessa prática, não há como antecipar qual será, afinal, desde um determinado estado da quantidade e do particular, o sentido da qualidade ou do universal que, por transmutação da sua própria essência, ganha existência concreta; e como, por isso mesmo, não é possível antecipar as condições da sua validação, a sucessão histórica das manifestações do Ser, como essência desvelada e totalidade vivida do Universal humano, torna-se absolutamente contingente e arbitrária... dogmática e irreflexiva!

É nesse contexto que o pensamento marxista pretende fundar a realização de um novo modo de vida - a **UTOPIA COMUNISTA**, assim que, na expressão de Marx: *“Para nosotros, el comunismo no es un estado que debe implantarse, un ideal al que haya de sujetarse la realidad. Nosotros llamamos al comunismo al movimiento real que anula y supera el estado de cosas actual.* O pressuposto, entretanto, da concepção marxista da História, são as condições naturais (funcionais) do trabalho (como ato de satisfação as necessidades humanas) e da propriedade (como apropriação dos respectivos meios de vida pelos seres humanos existentes). E, no entanto, paradoxalmente, a utopia comunista nega esse pressuposto, como obstáculos à realização dos ditames da consciência comunista. E, nisso, faz recair, de forma absoluta e exclusiva, sobre o **MOVIMENTO SOCIALISTA**, que corporifica a consciência e a luta pelos interesses de classe do proletariado, a sua pretensão de universalidade na satisfação das necessidades humanas.

Nesse ponto de nossa abordagem, o paradigma da epistemologia de síntese, tendo clarificado os nexos teóricos e as implicações praxiológicas da concepção marxista da História, se desborda na hermenêutica, salutar e necessária, da respectiva crítica, cujo núcleo sgnico é conformado pela **UTOPIA COMUNISTA** e pela instrumentalidade do **MOVIMENTO SOCIALISTA**, que carrega a sua bandeira. Assim: *tanto para engendrar en masa esa conciencia comunista como para llevar adelante la cosa misma, es necesaria una transformación en masa de los hombres, que sólo podrá conseguirse mediante un movimiento práctico, mediante una revolución; y que, por consiguiente, la revolución no sólo es necesaria porque la clase dominante no puede ser derrocada de otro modo, sino también porque únicamente por medio de una revolución logrará la clase que derriba salir del cieno en que está hundida y volverse capaz de fundar la sociedad sobre novas bases.*

PRAXIOLOGIA DA VIOLÊNCIA: O campo estrutural, onde se atualiza a REVOLUÇÃO marxista, é a ESFERA DA EXISTÊNCIA, cuja condição sempre-já-dada, na concepção marxista da História, é demarcada pelos vetores funcionais da LUTA DE CLASSES e do ESTADO. A História, nessa perspectiva, se reduz à dinâmica: de um permanente conflito, em que se antagonizam as classes sociais: e, de uma forma estatal que serve tão somente para cristalizar e institucionalizar o sucesso de uma(s) em detrimento de outra(s). A posição assumida por Marx, neste contexto, ao invés de oferecer uma perspectiva de solução às contradições, que analisa em profundidade e extensão inéditas, prefere suprimi-las. E, bem ao contrário do que se poderia supor, dado o lastreamento histórico e sociológico de sua análise, Marx propugna essa supressão em bases de uma estratégia eminentemente psicologista, que poderíamos designar como uma **PRAXIOLOGIA DA VIOLÊNCIA**. O comunismo é postulado em “A Ideologia Alemã”, como uma proposta nitidamente pedagógica, primordialmente orientada à reeducação das massas pela experiência da revolução - cuja função, estratégica, antes da própria satisfação material das necessidades humanas, será a transformação dos homens, que deverão produzir esse momento privilegiado da História. E, **na medida em que a pedagogia do comunismo é a revolução, e que a revolução é parturiente das suas próprias e particulares razões de ser**, como um ato de fundação de uma nova ordem, cujo único argumento se constitui na sua própria força, **clarifica-se o apelo marxista à violência, como o instrumento, por excelência, de conformação da consciência-Humanidade**. A saga do socialismo real, que está associada à repressão do pensamento e ao desrespeito à autonomia da consciência individual, não se constitui, por isso mesmo, num acidente histórico, mas numa determinação construída pela sua própria vontade, enquanto movimento social, como derivação lógica da sua própria ideologia.

PRAXIOLOGIA DO HEGEMONISMO: No campo estrutural da DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO, a abordagem marxista é demarcada pela sua particular concepção do DIREITO e da IDEOLOGIA. Ao primeiro destes dois conceitos e respectivas instituições, reserva o estatuto de mera cristalização da dominação política na sociedade; e, ao segundo, atribui função de reprodução dessa mesma dominação, inclusive, mediante a sua instrumentalização - como **ditadura do proletariado** - na tentativa de supressão das contradições subjacentes à diferenciação das forças produtivas (que é produto da divisão social do trabalho). Clarifica-se, destarte, a condição terapêutica embutida na concepção marxista da História, quando a solução final destas contradições, representada pelo comunismo é, não obstante, inteira-

mente conseqüente com os métodos e a prática mais tradicionais da dominação política na sociedade de classes. A produção da mudança, no escopo da militância marxista, é operada pela sua obstinação na implantação de uma ordem e dos mecanismos de sua reprodução, destinados a assegurar vigência e estabilidade à transformação em massa dos homens, operada pela pedagogia da violência. A saga do socialismo real, por sua vez, como **PRAXIOLOGIA DO HEGEMONISMO**, constitui-se na condição tática dessa determinação teórica. Na sua esteira, a **ideologia marxista** comanda a organização da vida em sociedade e nisso **submete o direito**: o particularismo de sua crítica social, reivindica a condição de um universal concreto, desaguando no estuário dos corporativismos de toda a espécie; e o sectarismo de uma identidade excludente, força passagem no regramento burocrático do intercâmbio social.

PRAXIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTISMO: Além do recurso à violência e da sua prática hegemônica, a concepção marxista da História paga tributo ao cientificismo desenvolvimentista que modulou o processo da modernidade. No campo estrutural do INTERCÂMBIO NATURAL ENTRE OS INDIVÍDUOS, focaliza a capacidade de transformação da própria natureza e o potencial reprodutivo da espécie humana: de um lado, o TRABALHO (como capacidade de transformação do mundo natural e, assim, também, princípio de produção e acumulação de poder); e, de outro, a EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA (que promove a visibilidade das relações de produção e a emergência das forças produtivas). Reconhecidas, essas determinantes tecnológicas, como vetores do processo civilizatório e identificadas como foco persistente das suas contradições, não obstante, restam acriticamente instrumentalizadas pelas premissas estratégica e tática da concepção marxista da História. A praxiologia da violência, privilegia, no enfoque da categoria do trabalho, uma condenação: que submete as classes dominadas ao tributo da sua mais-valia; e a praxiologia do hegemônismo focaliza na explosão demográfica, como reprodução da miséria, o estopim da revolução destinada à libertação dos explorados no processo civilizatório. **Como conseqüência, o valor trabalho, nessa concepção da História, desloca-se da sua finalidade primordial - que é a apropriação das condições de produção da própria vida, como satisfação das necessidades humanas - para configurar-se em princípio de identidade, que articula o interesse dos "excluídos" de toda sorte na luta revolucionária. E a condição própria da reprodução da espécie, gradativamente apropriada pelos meios técnicos, que nos tornaram acessíveis o prolongamento da vida e o controle da natalidade, desfigura-se de sua finalidade primordial - que exige a convivência harmônica e sustentável no ambiente natural do planeta - e reitera o paradigma tradicional da nossa civilização predatória e do seu destino malthusiano.** Na esteira das suas conseqüências, a consigna revolucionária da concepção marxista da História, tem resvalado numa atitude demissionária do envolvimento proativo na construção das condições da vida cotidiana. Em luta pela conquista da hegemonia política, promove o ativismo cínico, que resulta no conhecido axioma da irresponsabilidade ética do *"quanto pior, melhor..."*. No seu alvo, a purgação dos males sociais pela solução catártica, do irredentismo que aflora nas situações-limite de aguçamento das tensões sociais. E, na administração de uma hegemonia conquistada, essa instrumentalização do desenvolvimentismo tecnológico, resulta inexoravelmente em violentação das condições da vida presente, pela submissão do trabalho e da lógica-reprodutiva da sociedade às razões corporativas e à xenofobia do próprio poder consolidado. O **Quadro 5**, a seguir, en-

quadra a análise das praxiologias derivadas da concepção marxista da História no modelo de análise da Epistemologia de síntese.

E, assim clarificadas as implicações praxiológicas da concepção marxista da História, uma conclusão provisória nos permite acreditar que, o modelo de análise da epistemologia de síntese, revelou-se **consistente e paradigmático** como substrato à sua crítica, nos exatos termos que postulamos ao introduzir os objetivos deste texto. Viabiliza-se, destarte, a partir destes fundamentos, uma crítica à concepção marxista da História, que deverá proceder, agora, a operação inversa do que foi empreendido neste esforço de sistematização: a contraposição de práticas e valores, capazes de configurar a **pedagogia da não-violência**, a **terapêutica da cooperação** e a **tecnologia da sustentabilidade** condizentes com os desafios do processo civilizatório nesta transição da pós-modernidade.

Essa conclusão, com certeza, foge aos limites e possibilidades deste texto acadêmico. É muito mais o trabalho da vida... que haverá de conformar essa consciência. Mas, se a academia ainda se permitisse esse alento, poderia ao menos tratar de originá-la, pelo exercício saudável da crítica, que os conteúdos aqui enfocados, propositadamente, tratam de provocar...

Quadro 5: Síntese da concepção marxista da HISTÓRIA no modelo paradigmático.

